

A «FLORESTA» EM PORTUGAL PORQUÊ UMA ALIANÇA PELA FLORESTA AUTÓCTONE

Jorge Moreira, Marta Mota e José Carlos Costa Marques*

A pedido da Cerna, e para tornar mais compreensível aos conservacionistas e ecologistas da Galiza a situação da floresta autóctone em Portugal, enviamos estas notas que poderão ter alguma utilidade. Expomos por ordem cronológica, ao longo de cinco anos, como surgiu a Aliança pela Floresta Autóctone e como tem vindo a desenvolver-se e enraizar-se, muito lentamente é certo, como iniciativa informal. Adiante tentamos explicar o que pretendemos com ela.



Bosque nativo e campo agrícola, Serra de Marouço, Fafe.

2016

Estávamos no rescaldo dos grandes incêndios do verão de 2016. Muitas pessoas manifestavam inconformismo, exigia-se o fim dos incêndios sistemáticos.

É então que, em parceria com a Quinta do Lobo Branco, em Penafiel, a Campo Aberto - associação de defesa do ambiente, convoca um debate a que acorreram cerca de quarenta pessoas. Como oradores, foram convidados três amigos da Campo Aberto, que sabíamos partilhar esse inconformismo: Jerónimo Gama, Jorge Moreira e Miguel Dantas da Gama. O debate foi moderado por José Carlos Costa Marques. Realizou-se em 22 de outubro de 2016.

Aí foi lançada a ideia de uma aliança de inconformistas perante o estado da floresta em Portugal, para a qual, inicialmente foi proposto o nome APAGAR – Aliança Para Acabar com as vaGAs Recorrentes de Fogos.

2017

Na sequência desse debate, e ao longo do ano de 2017, os três oradores e o moderador do debate em Penafiel decidiram preparar uma intervenção cívica sobre o estado da «floresta» em Portugal. Chegaram assim a elaborar o texto de um Apelo para uma *Aliança pela Floresta Autóctone*, nome que iria substituir o nome inicialmente proposto.

Em 2017, ocorreu a grande dupla calamidade (primavera e outono), com a perda de uma centena de vidas humanas e milhares de vidas selvagens em incêndios devastadores.

No intervalo entre as duas calamidades, em setembro de 2017, foi tornado público o Apelo entretanto redigido, no qual se identificavam as principais causas dos problemas ditos florestais. Apontavam-se também sucintamente os objetivos: a recuperação do coberto vegetal com espécies autóctones, aliada a uma gestão cuidada no terreno, através de um movimento de opinião que sensibilize a sociedade civil, os autarcas e os governantes a mudar o paradigma da monocultura do eucalipto e do pinheiro-bravo e a promover uma floresta ecológica, bela em diversidade, recursos e benefícios.

2018

De final de setembro à primavera de 2018, o Apelo alcançou rapidamente mais de mil subscritores, a maior parte individuais, mas também uns quantos coletivos, associações, movimentos formais e informais, e empresas, incentivando a sociedade e os responsáveis políticos à mudança urgente de modelo florestal.

Três coletivos, dois formais e um informal (Campo Aberto, FAPAS - Fundo de Proteção dos Animais Selvagens e Alvorecer Florestal) aceitaram dar apoio logístico à jovem Aliança, dado o caráter informal desta. Constituiu-se um grupo coordenador, formado por três representantes, um por cada coletivo, com a missão de aumentar o número de subscritores do Apelo, manter o contacto com eles, e incentivar o surgimento, a nível de cada concelho do país, de grupos de pessoas e/ou plataformas de coletivos apostados em fazer progredir localmente, de modo



Terceira sessão do Ciclo de Debate, em Vouzela, com o Prof. João Carvalho.



Carvalho do FAPAS, Quinta de Chão de Carvalhos, Vila Nova de Gaia.

autónomo, o interesse pela preservação e reconstituição da floresta com base em espécies autóctones.

Para fazer progredir a audiência da Aliança e o interesse pela realização dos seus objetivos, lançou-se o Ciclo pela Floresta Autóctone, um ciclo de debates a realizar um pouco por todo o país. Em abril, o ciclo foi aberto, no Porto, com um debate que teve como orador o biólogo Jorge Paiva, decano dos ecólogos e ecologistas portugueses: cerca de cem pessoas extremamente motivadas acorreram a ouvi-lo e a debater com ele.

Em maio, foi a vez de Helena Freitas, professora e investigadora da Universidade de Coimbra, que, em Aveiro, suscitou a presença de meia centena de pessoas. Em setembro, o orador foi João Carvalho, silvicultor e dendrologista, Professor e investigador da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, sediada na cidade de Vila Real, que, em Vouzela, no centro do país, numa das regiões mais afetadas pelos incêndios ditos «florestais» em Portugal, perante 20 a 30 pessoas, apresentou a ideia da possibilidade de obter, com o carvalho, não só os benefícios que se esperam da floresta autóctone, mas também um rendimento viável e compensador quando comparado ao das espécies de crescimento rápido, ou até mais compensador.

2019

Devido a dificuldades de vária ordem, neste ano apenas foi possível organizar um debate do ciclo. Teve porém uma particularidade: realizado em Caminha com o apoio da associação Corema e da Câmara Municipal, foi um evento luso-galaico, com dois oradores, o Professor João Carvalho (como em Vouzela, em 2018) e Cosme Cousido, biólogo integrante da Cousa de Raíces - Rede Galega de Defesa dos Bosques e Montes, portadores de uma mensagem convergente sobre a realidade que afeta de modo semelhante e negativo o coberto vegetal de Portugal e da Galiza. Estiveram presentes cerca de 50-60 pessoas.

Entretanto, embora a ritmo mais lento que o inicial, continuaram a receber-se subscrições do Apelo, aproximando-se gradualmente das 1300. Iniciava-se também uma sistematização e localização dos vários subscritores pelo território com vista à elaboração de mapas, os quais facilitarão o intercâmbio e a colaboração convergente dos subscritores de um dado concelho ou agrupamento de concelhos.

2020

A Aliança tem agora cerca de 1300 subscritores. Prosseguiu-se o trabalho de elaboração dos mapas já referidos, que podem já ser consultados na nossa página digital.

Tentou-se prosseguir a organização de debates do Ciclo, mas a irrupção, em fevereiro-março de 2020, da atual pandemia obrigou a uma travagem inevitável. De momento, estudamos as possibilidades de o relançar, e o quando e o como, e de outras formas de ampliar a informação e a discussão sobre os objetivos da Aliança.

Em final de maio de 2020, por motivos pessoais, exteriores à Aliança, um dos integrantes do grupo coordenador deixou de estar disponível, e retirou-se. Os dois elementos restantes, Jorge Moreira e José Carlos Costa Marques, após análise da situação em reunião realizada em 15 de junho, optaram por passar a um modelo diferente de coordenação, já não com base em representantes de associações mas em membros a título individual, de 3 a 5, em princípio. Na atualidade, o grupo coordenador é composto por três membros. Além dos dois que se mantiveram, contamos agora também com Marta Mota. De vez em quando há pessoas disponíveis para além dessas. Com elas vamos tentando afinar os instrumentos necessários para que a Aliança possa prosseguir os seus contactos.

Criámos recentemente uma rubrica no nosso espaço digital que tem em vista pôr em contacto os subscritores da Aliança que habitam ou traba-



Primeira sessão do Ciclo de Debate, no Porto, com o Prof. Jorge Paiva.



Rebentos de eucalipto após incêndio, zona Centro de Portugal.

lham em municípios vizinhos, por forma a que possam reunir esforços e, de forma autónoma, cooperarem para que, a nível local, seja recolhida informação sobre o estado do coberto vegetal. Pretende-se que queiram intervir em conjunto para que o ideário da prioridade das espécies autóctones e da criação de bosques autóctones possa ir gradualmente alastrando pelo país inteiro.

A grande dificuldade para isso está na nova legislação de proteção de dados pessoais que exige que nos seja dada autorização pelos subscritores da Aliança para que nós possamos facultar esses dados a outros subscritores ou outros interessados que habitem no mesmo município ou em município próximo. Assim, apelámos a que quem estiver de acordo nos envie essa autorização para o email: florestautoctone@gmail.com

Com o arrastar da situação pandémica, tentamos uma primeira experiência de enraizamento a partir de uma sessão virtual de apresentação e debate, em 28 de outubro de 2020. Veremos se assim conseguiremos que se vão gradualmente constituindo núcleos locais e autónomos mas identificados com o nosso Apelo ao longo de todo o país, em especial nas regiões mais castigadas pela monocultura das duas espécies arbóreas mais responsáveis pela frequência e perigosidade dos incêndios: o eucalipto e o pinheiro-bravo.

*** Jorge Moreira**
ambientalista e coordenador da Aliança pela Floresta Autóctone
Marta Mota, professora do ensino superior na ESMAl
Escola Superior da Maia e coordenadora da
Aliança pela Floresta Autóctone
José Carlos Costa Marques,
tradutor, editor e coordenador da Aliança pela Floresta Autóctone

APELO A UMA ALIANÇA PELA FLORESTA AUTÓCTONE

Eis resumidamente o texto do Apelo:

Recusar a passividade perante os fogos no nosso território
Lançamos este Apelo a todas as entidades e cidadãos que aceitem participar numa aliança para a recuperação da floresta autóctone em Portugal. Face ao estado degradado e insustentável do coberto vegetal no País, é nossa convicção que do restauro da floresta autóctone depende um futuro liberto do flagelo sistemático dos incêndios. Aqui fica o nosso convite para que a partilhem connosco. Porque todos têm um papel essencial, apelamos a todos e cada um para que subscrevam os sete pontos adiante enunciados e cooperem entre si com vista a concretizá-los em ações práticas:

1. Recusar a passividade e a resignação perante os fogos constantes e devastadores e unir pessoas e entidades particulares e públicas em volta desta opção de inconformismo.
2. Convocar todos os cidadãos, a que se impliquem no objetivo de contribuir para uma sociedade mais esclarecida, mais interveniente e mais exigente relativamente à salvaguarda de um coberto vegetal equilibrado no País, e por isso naturalmente mais protegido dos ciclos de incêndios.
3. Cabe ao Estado e aos cidadãos promover e apoiar uma verdadeira reflorestação do País assente no primado das espécies autóctones, com base numa estratégia de longo prazo e de âmbito nacional. [...] O predomínio quase exclusivo hoje reinante das monoculturas de eucalipto e pinheiro-bravo deverá gradualmente abrir lugar a um coberto vegetal onde prevaleçam as espécies autóctones.
4. Encorajar de imediato mas numa perspetiva de longo prazo um trabalho persistente com vista a ampliar o papel dessas espécies, favorecendo assim maior resiliência perante o fogo, potenciando a biodiversidade, o equilíbrio ecológico e paisagístico e contribuindo para minorar a problemática das alterações climáticas [...].
5. Procurar desenvolver, junto do cidadão e da sociedade, uma consciência ativa de salvaguarda do património natural que vise também uma efetiva prevenção e proteção contra incêndios. [...] Importa ainda questionar a forma como se recorre ao fogo, nomeadamente na gestão florestal e no manejo de pastagens, por exemplo. [...]
6. Suscitar, complementarmente à progressiva ocupação pela floresta autóctone de espaços abandonados, um novo interesse pela revitalização da agricultura assente em princípios ecológicos e de qualidade, promovendo a regeneração dessas regiões numa perspetiva de sustentabilidade, diversidade e perenidade [...].
7. Propor aos cidadãos e às entidades subscritoras deste apelo que, em cada município do País, começando pelas áreas mais afetadas e vulneráveis a incêndios, constituam círculos de ajuda e intervenção permanentemente atentos e capacitados de modo a contribuírem para que o seu território possa progressivamente evoluir no sentido acima apontado. [...]

Texto completo: <https://florestautoctone.webnode.pt/apelo/>